



Gaiato



PORTE
PAGO

AVENÇA

Quinzenário * 6 de Novembro de 1976 * Ano XXXIII — N.º 852 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

PAI AMÉRICO NA LINHA DE S. FRANCISCO

«Sinto desejos de ser Francisco de Assis para abraçar este espaço imenso de luz e de vida, desprendido, como o Pobrezinho, de tudo quanto possa ligar a gente às ninharias do mundo.»

Passou no dia 4 de Outubro o 750.º aniversário da morte de S. Francisco de Assis. Tal evento, comemorado das mais variadas maneiras por todo o Universo, mereceu também, entre nós, as honras duma Carta Pastoral dos Bispos Portugueses, pondo em relevo a actualidade da sua mensagem. Mal seria, pois, se nestas colunas, ainda que modestamente, não assinalássemos o facto, sabendo nós da profunda influência que o Estigmatizado do Monte Alverne teve na vida e na espiritualidade de Pai Américo.

Da mensagem de S. Francisco vale a pena reter alguns apontamentos, bem visíveis nos escritos e na actuação de Pai Américo. O primeiro refere-se à identidade básica de toda a espiritualidade. O cantor de Deus ditou: «A regra e a vida dos irmãos menores é esta: observar o santo Evangelho de N. S. Jesus Cristo»; referindo-se aos «Padres da Rua», Pai Américo escreveu: «A sua regra é o Evangelho, meditado e praticado na vida interior e também na de relação com o seu semelhante». Desta confissão e experiência de vida dimanou todo o resto, em «que a sua originalidade consiste, precisamente, em não querer originalidade alguma» (C. P.).

Uma segunda nota de autêntico franciscanismo em Pai Américo, resultante da aludida vivência de fé, foi o seu sentido de fraternidade para com o Homem e todas as restantes criaturas, levado até às últimas consequências. A fraternidade divina, como em S. Francisco, foi a base da acção desenvolvida em favor dos Irmãos, sobretudo dos mais carecidos; o naturalismo cristão, que não mero panteísmo ou iluminismo, consta copiosamente dos escritos de Pai Américo. Veja-se, por exemplo: «Eu cá morro por pombas. Por todas, mas pelas nossas mais... Só um Deus omnipotente é capaz de produzir tais encantos da Natureza. E esses encantos da Natureza podem ajudar e ajudam a erguer as almas para o Criador»; ou ainda: «Um dos porcos, outro das pombas. Toda a obra da Criação, por ser de Deus, é perfeita; tanto valem porcos como pombas. O «Periquito» trata das pombas! O ornamento da nossa Aldeia: o céu e elas! Nos telhados, às carfias; nos jardins, a catar ervas; nas avenidas, a conversar — as pombas da nossa Aldeia!»

Uma terceira tónica, de grande expressão em Pai Américo, também bebida na alma franciscana, foi a sua preocupação de Pobreza evangélica, na linha das Bem-aventuranças. No testamento deixado aos «Padres da Rua», já acima referido, aponta, entre outras coisas: «São pobres; pobres por devoção; ...Pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da Pobreza de N. S. Jesus Cristo, de cuja fidelidade

Continua na QUARTA página

● Veio a chuva. Tudo se tornou mais doce! A vida mais suave. Os Rapazes mais calmos. As noites mais tranquilas! Tudo mudou. Só não mudou a nossa vida sempre cheia de contradições.

Como pobres entre os mais pobres, sem garantias nem apoios de ninguém, a nossa lei tem sido: Comerás o pão com o suor do teu rosto. Até aqui foi a secura do tempo a obrigar-nos a regar continuamente as plantas e as culturas; agora é a humidade a estragar-nos o arroz, o tomate e a impedir-nos a sua colheita. Bendito seja Deus!

Estamos a vender o tomate para a indústria ao mesmo preço de há três anos: 1\$30. Tudo triplica de preço. Nós temos de trabalhar cada vez mais para conseguirmos sobreviver com a cabeça levantada. No mercado internacional o tomate aumentou 20% ou mais. Os jornais trazem notícias acerca da desvalorização da moeda. Para quem vão os lucros? Quem ganha com estes jogos? Quem são os escravizados?!

● A única Força a que me agarrei no meio das confusões desta pseudo-revolução foi a da Verdade, da Justiça e do Amor. Força eterna que pode ser espezinhada pelo homem, mas que continua a ser Força e a ser eterna.

O Evangelho conta-nos a cura dos dez leprosos e de como só um foi grato ao Mestre. Foram muitos os Rapazes que debandaram, mas também alguns os que voltaram; e, agora, cheios de von-

Setúbal



São tão doces as maçãs da Casa do Gaiato de Setúbal!

Continua na TERCEIRA página

Aqui, Lisboa!

A degradação moral de que, em múltiplos aspectos, enferma a nossa sociedade, tem implicações funestas no amanhã e apresenta problemas angustiantes à nossa consciência cristã.

Fomos chamados a partilhar a solução dum caso de extrema gravidade num agregado familiar com onze filhos a viver em casa exígua, num bairro pobre dos arredores de Lisboa. A promiscuidade, as carências de ordem psicológica e moral a que as meramente materiais estão afectas, e só Deus sabe que mais, ocasionaram um colapso paterno que desonrou a filha mais velha que ainda vai fazer quinze anos.

Só perante esta desgraça, como se as anteriores não o fossem, é que interferiu a justiça; justiça penal. Quando uma sociedade não é justa é a esta que lança mão. E quanto mais, mais, diria Pai Américo.

Desprovido o agregado familiar do já mísero sustento, imediatamente sobrevem outra crise. A mãe recorre à prostituição e depressa se alheia completamente dos filhos. Estes recorrem ao quartel próximo pelas sobras da comida. A filha mais velha é recebida carinhosamente por uma família e está para ser mãe. Mãe apenas segundo a carne. Nem psicológica nem socialmente o poderá ser. O seu filho, que nestas circunstâncias vai nascer, corre o risco de desadaptação social, por traumas psicossomáticos hereditários. Se o caso se localizasse a outros níveis, simplesmente não nascia. Quem teria coragem?

Os dois filhos mais pequeninos foram recolhidos num infanatório, desvinculando ainda mais a mãe de um mínimo de assistência aos seus.

O Centro Social da Paróquia

lançou-nos um grido aflitivo. Fui lá ontem. Estavam em casa, cinco. Os mais velhos a brincar na rua. Lugar vago que abarca em si todo o mundo onde se movimentam milhares das nossas crianças.

As vizinhas, que conversavam ali perto, ao primeiro contacto, fecharam-se e quando perguntei se aquelas crianças passavam muito mal, respondem vagamente que as privações na casa de cada um só Deus e elas sabem. Não fosse ali um bairro pobre!

Mal lhes digo que sou padre da Casa do Gaiato e venho ali para as trazer comigo, logo se abrem e falam ao mesmo tempo: que a mãe é uma desgraçada; que os filhos são piores que índios. Certamente para me exprimirem o estado de abandono

Continua na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UM MUNDO DE TRABALHO — Não vem dia ao mundo que o vicentino não tenha que dar a mão aos Outros, discretamente; ou partilhar dos seus desgostos e aflições.

É a burocracia das Caixas. As carências das Viúvas. É a Auto-Constuição. E, além do mais..., a problemática da Terceira Idade, com as naturalíssimas implicações. Que mundo de trabalho, e de trabalhos, onde a gente vê e apalpa o muitíssimo que há a fazer pelo País fora!

Ainda hoje um homem, e quem diz homem diz mulher, que trabalhou sacrificadamente uma vida inteira, chega ao fim desamparado, moral e materialmente. E, quantos?, votados ao ostracismo pelos do próprio sangue! Terrível; mas acontece, por mal dos nossos pecados.

Aprendemos muito, em contacto com os Pobres! As pistas que nos dão e pelos calvários que sofrem, eles são nossos mestres. E nesta pobreza de espírito, com as nossas limitações, vamos procurando fazer o que podemos — nas horas livres.

Há dias, um velho a quem damos a mão estava à mesa do café. Os fariseus já não reparam. Refestelado. Casaco e colete desapertados. Face rosada. Um velho de face rosada! Havia tomado a refeição na sala dos Proletários.

Ao meio-dia ou à tardinha, é vê-lo a passo firme e pé ligeiro a caminho da mesa. Fica dispendiosa aos nossos Leitores? Que importa, se ele agora vive!? Dantes, morria aos poucos, sabe Deus como.

Vive só. A mulher numa banda, ele noutra. Caso difícil, de solução impossível.

A gente vê-se com a roupa e a higiene da moradia! Falta, ali, a mão feminina. E não só.

— Porque não muda de roupa?... Porque não é lavada?...

Embuxa um nadita. Faz que não ouve. E, quando sim, argumenta profundamente.

— O Senhor Deus não olha pra roupa do corpo...

Não quer estar dependente seja de quem for. É um homem *sui-generis*! Aprecia a sua liberdade. A pontos de não querer submeter-se aos canoens de nenhuma instituição de apoio à Velhice.

Mas, no meio desta *anarquia*, ele que era um nómada, um estorvo para muitos, hoje já não é. Tem a mesa posta duas vezes por dia. E a mesa integra-o no meio. Um progresso!

No serviço dos Pobres não tenhamos a ousadia de atingir o Céu com as pernas. Os homens são o que são.

PARTILHA — Recebemos 400\$00 da assinante 27385. Mais a presença habitual de Oliveira do Douro, pela mão do assinante 9790, com o pedido de «uma oração pelas necessidades mais prementes do mundo inteiro, que Deus sabe quais são». Lisboa, 100\$00. Em resposta à pergunta — e para que não haja omissões — sublinhe, o destino da importância: Conferência Vicentina. Assim, não

haverá problemas. «Velha amiga» de Lisboa, da Av. António Augusto de Aguiar, 500\$00. Mais 100\$00 do Porto, por intermédio de Cristina. Faça sempre como agora procedeu. E esperamos a sua presença mensalmente. Outra vez Lisboa com 100\$00, da rua da Lapa. Assinante 5687 afirma:

«(...) Andava com vontade de satisfazer uma devoção para com a vossa Conferência. Falta-me dar o que me comprometi destes últimos seis meses deste ano. Assim, envio um cheque para saldar o ano de 1976 para os nossos Irmãos que ainda mais precisados estão do indispensável para viverem. Isto é mesmo uma migalha muito minúscula; mas também sei que é do pouco que se conseguem grandes cousas. Assim todos nós quisésemos! E a Deus nada é impossível...»

Que bem!

A discrição e a delicadeza — já temos dito e repetimos — são timbre desta coluna. Passa, agora, sob os nossos olhos, um pedacito de papel com uma legenda: «Para a Conferência de S. Vicente de Paulo envia 1.000\$00 uma assinante de O GAIATO». Não diz mais nada. É conforme o Evangelho.

Por fim, carta de Mangualde com 100\$00 e afirmações de quem, sofrendo as dificuldades da vida, sabe, por isso, encarar melhor as dos Pobres. Ouçamos:

«(...) Vamos lá ver se poderemos mandar todos os meses esta importância. Nosso Senhor vai-me ajudar, como tantas vezes o tem feito.

Tenho muita pena de não poder ser mais, mas temos uma dívida grande, que todos os meses andamos a amortizar conforme podemos. Mas enquanto Nosso Senhor nos der saúde, alguma coisa irá para a Conferência. Começo tarde, mas com muita vontade de ajudar quem precisa...»

Eis documentos d'alma que afirmam ou testemunham o extraordinário valor da Caridade — não a *caridadezinha*... — entre os homens. São a presença de Deus. Deus *charitas est*.

Para todos, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTO — No dia 24 de Outubro houve um casamento em nossa Casa.

Arménio e Irene foram os noivos. Todos fomos convidados. Não só para comer mas também para participarmos na cerimónia mais importante, a Missa.

Na Missa, o nosso Grupo Coral cantou com muito entusiasmo e alegria; basta dizer que o maestro era o Pe. Abel que nesse dia andou atarefado.

O tempo, esse é que não deixou tirar as fotografias do costume, que tiveram de ser focadas só no pátio da nossa Capela!

Em seguida fomos para o refeitório, para melhor festejarmos o grande dia.

Há uma coisa a assinalar: o sr. Pe. Abel também serviu à mesa. Não

é de admirar, de cravo ao peito e avental branco. Era um dos refeiteiros!

Na boda, houve muita alegria e boa disposição. Entretanto, e como sempre, desejámos felicidades aos dois, que agora vão começar nova vida.

ABELHAS — Já há muito tempo que o nosso Martinho me anda a pedir para escrever um apontamento sobre as nossas abelhas; sim, sobre as nossas, mas poucas...

O Martinho é que tratava das ditadas cujas.

A seu pedido solicito aos nossos Leitores, que puderem, o favor de nos entregar abelhas que tenham a mais ou que no-las queiram dar. Podem ser entregues no Porto, rua D. João IV, N.º 682.

Eu acho graça ao pedido! Entregar abelhas não deve ser nada cómodo... Bom, aqui fica o pedido e vamos a ver se o Martinho fica contente.

LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO

— E já agora, que estamos com pedidos, não se zanguem. Só mais um! Este é muito importante para nós, trabalhadores gráficos; e não só. Numa das últimas aulas, chegámos à conclusão da necessidade e utilidade de termos um pequeno laboratório de revelação de fotografia. Para isso temos necessidade de um ampliador e demais utensílios próprios. Há, com certeza, entre os nossos Leitores, alguém que possua um ampliador já ultrapassado pela moda e, por conseguinte, arrumado num canto; se calhar até a estorvar! Nós vamos por ele. É só dizer!

PARTILHANDO

Não sabemos o que se passará lá «em cima», embora os reflexos apareçam claramente cá «em baixo», nos sectores da Educação e Ensino e outros. As crianças portuguesas têm sido «companheiras de escola» de todas as crianças esquecidas deste nosso mundo.

Começaram, agora, o novo ano lectivo com entusiasmo, mas inseguras ainda. Não sentem os professores, os educadores, os responsáveis confiantes num amanhã mais feliz. O presente é por demais instável e propício a mudanças, em contraste com um passado inesquecível de rigidez. Por isso, o tacto para mudar o que está feito, é uma exigência séria e demasiado comprometedora. Fazê-lo de ânimo leve, é sempre atraiçoar os que sofrem na carne e no espírito a necessidade da mudança. E as crian-

ças do nosso País devem ser mais sujeito de direitos que objecto de deveres. Por isso, não podem ser um juguete nas mãos de «educações fáceis».

Também não podem estar ao serviço de partidos com suas ideologias e suas «birras». Nenhum educador ou pedagogo pode afirmar que o espírito da criança, por ser presa fácil, deva ser campo de treino dos reucos ou dos avanços de qualquer processo, revolucionário ou não. Aconteceu... Um stop, já!

Cada criança só tem uma vida para viver, uma oportunidade e um futuro para sonhar e um espírito para ser. Um todo ao serviço da felicidade. E as possibilidades desta estão ao serviço daquela unidade.

MADEIRA — No cimo da nossa avenida andam presentemente os nos-

Retalhos

so carpinteiros a encastelar tábuas num campo, à beira da casa 4.

Os nossos pequenitos tomam essa madeira por um castelo; e, claro, há que brincar aos «cow-boys» nas tábuas. O pior é quando em vez de irem brincar vão mas é estragar e deitar tábuas ao chão! Ou esmurrar a cabeça... Ai é que são elas!

Talvez não aconteçam coisas graves. O «castelo» está bem à vista de todos.

«Marcelino»

Os últimos a deitar foram os que descascaram a batata.

A chegada da noiva à Capela foi saudada com palmas. Os mais pequenos não deixam de procurar estar perto dela, porque aí são, com certeza, mais facilmente apanhados pelos fotógrafos.

E foi a cerimónia em que os convidados da noiva se misturaram com os do noivo que somos todos nós; e todos juntos pedimos para o novo casal as bênçãos de Deus.

E foi o almoço; barriguinha bem cheia. E foram as despedidas, os votos de felicidade.

Partiram. Os encarregados da copa ficaram toda a tarde a lavar tanta loiça e a Senhora não parou até à noite.

O dia acabou. Nas camaratas, à hora de esperar o sono, a conversa é ainda o casamento!

— Eu não gostei deste casamento. Os fotógrafos não tiraram fotografias durante o almoço.

— Pois foi deste que eu gostei mais. Até o sr. Pe. Carlos esteve na borgia. Tu não viste? Até esteve a atirar flores!

— Os convidados estavam admirados comigo, a comer. Não foi por comer muito, mas com a minha delicadeza. Sim senhor, soube estar à mesa com as mãos sempre em cima e a comer bem com a faca.

O Armindo é irmão do noivo. Sentiu, portanto, a festa de uma maneira especial. Mas à noite tinha um problema.

— Ó pá!, os irmãos da minha cunhada o que ficam agora a ser a mim?...

A resposta veio «esclarecedora», do vizinho da cama ao lado:

— Primos...

Cont. na 4.ª pág.

Padre Abel

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Durante os meses de Setembro e Outubro recebemos uma grande procissão de novos Assinantes de O GAIATO.

A nossa frente, temos um monte de cartas, postais normais e de RSF, etc.

Mesmo aqueles que pouco dizem, muito teriam que dizer! Quantas vezes é discreção, nada mais.

No entanto, sublinhamos, parte dos novos Assinantes não precisaram de quem lhes desse a mão para virem até nós. Solicitam o compromisso da assinatura pessoalmente.

Ouçamos Pardilhó:

«Peço o favor de me declarar se O GAIATO é mensal ou quinzenal e quanto é a avença. Li um bocadinho desse jornal que me deram, embrulhando o pêndulo dum relógio; e resolvi, então, fazer a pergunta, porque ele dá-nos boas inspirações...»

Um caso inédito! Esta nova Leitora já recebe O GAIATO.

Macau:

«Vivo há muitos anos em Macau, mas sempre tive grande admiração pelas Casas do Gaiato.

(...) Nunca deixo de comprar O GAIATO quando vou a Portugal. Mas, agora, desejo uma assinatura anual.

(...) Ainda gostava muito de receber alguns livros da vossa Editorial, como o PÃO DOS POBRES, O LODO E AS ESTRELAS..., que uma amiga me indicou...»

Setúbal:

«Perdoe-me se só agora, tão tarde, lhe escrevo estas linhas. Tenho comprado dezenas de jornais O GAIATO, sempre com a ideia: vou ser assinante. Mas, infelizmente, a vida e não só — porque nós, os homens, somos pecadores — lá me ia esquecendo do que tinha prometido a mim mesmo. Portanto, agora, aqui estou pedindo que me aceite como assinante de O GAIATO. Sei que vou dar pouco por mês (50\$00), mas é com alegria, por saber que é para a imensa obra que o grande Padre Américo aí deixou.»

Assina: «Um Trabalhador da SETENAVE».

Não resistimos a transcrever mais alguns extractos que teríamos pena de omitir.

Rio Maior:

«Escusado será dizer que O GAIATO logo que chega às minhas mãos é saboreado do princípio ao fim com a satisfação da criança faminta que recebe uma guloseima.

Não perco a oportunidade de vos levar junto dos Amigos. Há pouco, vieram ter comigo três querendo ser novos assinantes.»

Retribuímos, com amizade, o forte abraço. E quando virá cá?

Lisboa:

«Como contribuição, embora modesta, para que a vossa obra seja mais conhecida, e, como é lógico, apreciada, aqui vão os nomes de quatro colegas de profissão, bem como um cheque respeitante aos valores das assinaturas.»

Fiães (Feira):

«Peço o favor de mandar O GAIATO para... Tendo eu falado na obra de Pai Américo a este rapaz, que muito a admira, ele pede para ser assinante. E que fará por arranjar mais assinantes, cá em Fiães, como tem feito com mais obras; não por ter bens, mas sim pela boa vontade.»

Agora, vamos fazer o habitual resumo das presenças recebidas, assinalando as respectivas localidades. Porto, Lisboa e Coimbra, um rol de novos Assinantes! Mais Sintra, Almada, Ervidel, Cacém, Lordelo (Douro), Rio Meão, Leiria, Peniche, Ermesinde, Cacia, Senhora da Hora, Portimão, Torres Vedras, Carvalhosa (Freamunde), Vila Chã (Amarante), Setúbal, S. Mamede de Infesta, Terceira (Açores), Queluz, Aigualva (Cacém), Figueira da Foz, Viana do Castelo, Lavadores (Gaia), Seia,

Moita (Anadia), Estreito (B.B.), Monte Estoril, Barril e Encarnação (Mafra), Alcobaça, Alter do Chão, Mesão Frio, S. João do Estoril, Cabanas (Carracedo de Montenegro), Pinhel, Sessimbra, Guarda, Leça do Balio, Madalena (Gaia), Viseu, Cartaxo, Beduido (Estarreja), Taveiro, Areosa (Viana do Castelo), Valbom (Gondomar), Arouca, V. N. de Gaia, Santo Tirso, Águas Santas (Maia), Vila Chã do Marão, Bucelas, Leça da Palmeira, Aveiro, Caxias, Gondomar, Gouveia de Sintra, Vila

Real, Covas do Douro, Covilhã, Aljubarrota, Parede, Amadora, Caneças, Cacilhas, Alenquer, Oliveira do Hospital, Sacavém, Damaia, Albufeira (Algarve), Algueirão, Mafra, Fânzeres (Gondomar), Vila Real de Santo António, Évora, Braga, Rio Tinto, Espinho, Camarate, Rio de Moinhos (Penafiel), Lamego, Sever do Vouga, Avintes (Gaia) e Cantanhede.

Por fim, registamos presenças de novos Assinantes espanhóis pelo estrangeiro: Eure et Loire, Brive e Compiègne — França; Neuchâtel (Suíça) e Gerlingen (Alemanha).

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

● Parece que é sempre igual o ritmo da vida da nossa casa; e a verdade é que pode muito bem dividir-se em etapas.

Estamos agora a começar uma. Houve um período em que os rapazes foram ver as famílias e com elas passar algumas semanas. Voltaram todos. É sinal de que o Lar de S. Domingos lhes é útil, ou nele se sentem bem. A confirmar isto está o facto de nenhum chegar atrasado, ou fora do dia marcado. Alguns vieram até mais cedo. Ficámos contentes.

O contacto com as famílias leva e traz lições a uns e a outros. A família tem de ser a grande responsável pelo rapaz. É um bem ilusório e com consequências traumatizantes aliviar totalmente os encargos familiares. Será muito proveitosa a permanência no Lar de S. Domingos, mas a família, dentro do possível, em maior ou menor grau, tem de estar ao lado a colaborar. É com frequência que lhe enviamos notícias e lhe fazemos viver as horas agradáveis ou amargas que o rapaz nos dá.

Cada um, neste momento, encontra-se no lugar que escolheu: Tipógrafo, alfaiate, electricista, comércio e carpinteiro. Devido à idade temos um que este ano ainda vai frequentar a escola. No último ano eram cinco estudantes a complicar o andamento normal da casa. Já aqui temos dito que é preciso optar: ou por operários ou todos estudantes. As obras, ou instituições, nem sempre mantêm o seu valor inicial. Acontece mesmo que em vários casos, devido a uma série de circunstâncias, desaparece a finalidade para que foram criadas, ou torna-se impraticável. Por vezes debruçamo-nos sobre este tema e chegamos a perguntar o que será mais útil. A dificuldade encontrada nas oficinas para aceitar um rapaz aprendiz; as exigências legais; os consequentes

agravamentos da inscrição aqui ou acolá; a grande interrogação da sua colocação futura em local de trabalho ou emprego, leva-nos a sérias reflexões. Um operário, antes de o ser, antes de saber dominar a arte, não deveria ser protegido por leis que favorecessem o tempo de aprendizagem? Pelo que sei, dá-se precisamente o contrário. Quando batemos à porta de certas oficinas, encontramos boa vontade da parte do patrão, mas esbarramos com a lei. Ou só permite um determinado número de aprendizes junto dum «oficial»; ou é preciso inscrevê-lo logo no quadro, acarretando despesas; ou por causa da idade, não fica abrangido pelo seguro; ou tem de começar já a receber o ordenado x e o aprendiz não pode corresponder, etc., etc.

Compreendo e louvo todo este zelo que parece favorecer os operários, mas analisando bem redonda em seu prejuízo. Com estas dificuldades relativas aos aprendizes, quem virá a substituir os actuais «mestres» quando estes faltarem?

Façam-se leis de protecção a todos; mas criem-se, ao lado, normas que regulem o tempo a que poderíamos chamar «escola do operário», em que o patrão ficaria liberto de encargos, dando assim oportunidade a um maior número de aprendizes. Sabemos que há cursos intensivos de aperfeiçoamento e com certa remuneração convidativa; mas muitas vezes não podem ser aproveitados por variadíssimas razões. E tudo isto a propósito do Lar Operário de S. Domingos, que amanhã, por força das circunstâncias, poderá ser transformado num Lar para estudantes pobres. Para já vamos continuar com os nossos queridos rapazes que desejam aprender uma arte ou ofício.

● A tómbola, que funcionou durante as Festas da Cidade, deu bons resultados. Foram muitas as prendas ofere-

Setúbal

Continuação da 1.ª pág.

tade, vacinados contra a libertinagem, contagiaram os outros.

O Zé Maria foi raptado em Abril ou Maio deste ano por uma pretensa avó. Eu criei o Zé Maria desde pequenino. Encontrei-o desnutrido e abandonado aos 4 anos. Ele tem agora doze.

Puz o caso em tribunal, recorri à Polícia, queixei-me a quem pude. Nada. Ninguém se doeu.

Na manhã de segunda-feira, o dia apresentava-se triste. Uma chuva miudinha dominava o ambiente. A notícia chegou-me pela Maria Odília. Uma notícia radiosa! Foi como se o sol me nascesse dentro e abraçasse o Universo: «Esta noite esteve cá o Zé Maria. Quería vir para a nossa obra». O Fernando, à porta do quarto a quem foram bater os que lhe deram boleia, disse que me não ia incomodar, que não recebia o rapaz e o entregassem à Polícia. Fui logo à esquadra.

Chorámos ambos! Ele mais do que eu!

É vê-lo feliz no meio dos seus irmãos, na sua casa, na sua escola, na sua obrigação. «Eu lá só brincava» — disse-me. Mas a trabalhar e a estudar, prefere a Casa do Galato.

Padre Acílio

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

em que vivem. Que nem deixam sair os seus à rua por causa da linguagem deles, que falam sem vergonha do estado em que está a irmã. Para elas a solução do caso está dada, se os trouxer logo comigo. E eu com uma vontade insuportável de gritar que não está certo. Tudo está errado. Nada muda debaixo do sol. A nossa sociedade tudo desculpa, tudo aceita, desde que se dê a mão aos mais pequeninos. Mas os erros, continua a querê-los e até a escondê-los ou ignorá-los. Porque se há-de chamar justiça à intervenção da lei aplicada àquele homem, quando ficam em branco problemas mais graves? Como pode ser justa a sociedade que aplica uma lei e ela mesma fabrica e oferece condições, para a sua violação? O que é a literatura, o teatro e o cinema com que alimenta o ócio e o ódio dos cidadãos?

Hoje dei-me ao cuidado de contar num jornal: há diariamente a passar de cem sessões de filmes condenáveis sob vários aspectos. Pior que isso, há muitas casas, muitos lugares onde campeia a maior libertinagem. E infelizmente há condições de habitação e das carências mais elementares que degradam cada vez mais esta sociedade em que vivemos.

Padre José Maria

cidas. Uma Fábrica de Plásticos, que não sabemos identificar, mimoseou-nos de forma pouco vulgar. Não é fácil enumerar todas as procedências; mas recordamo-nos de Castelo Branco, Molelinhos, rua Capelo -Viseu, rua Sidónio Pais-Porto, Pevidem, V. N. de Gaia, Monte dos Burgos, rua das Amoreiras — Foz do Douro, Porto Santo, rua Pereira Reis, Vilar Formoso, etc., etc. Da tómbola retirámos para a ajuda do pão e da luz; comprámos calçado para os rapazes; ajudámos à instalação da luz numa casa; pagámos diversas viagens a deslocados. Estamos agora a juntar para a compra dum fogão que vai custar dez contos. Contámos com a tómbola do Natal que já começámos a preparar. O fornecedor disse que não era preciso pagar imediatamente. Certamente sabe que estamos a contar com os Leitores amigos que, na forma do costume, vêm partilhar conosco do pouco ou do muito que o Senhor lhes dá.

Padre Duarte

Cantinho dos Rapazes

Cada ano que começa é como uma sementeira que se faz. Faz-se em esperança de colheita abundante!

Este ano abre em perspectiva mais larga de aproveitamento e valorização pessoal. É a Escola Primária a funcionar melhor, mercê do curso de adultos que se promoveu e nos permite um número mais razoável para trabalho eficaz em cada turma com o agrupamento mais homogêneo dos Rapazes segundo idades próximas da normal de cada classe. É o dito curso de adultos a prometer-nos para breve o encaminhamento profissional dos dez que o frequentam e que já tardava. É a Telescola cheia e em desafio àqueles que por ela passam a continuar em frente, no caminho de uma cultura maior e mais generalizada — passo insubstituível na evolução do nosso Povo. É a alegria de ver os onze que deram flanco a este desafio e hoje mesmo iniciam, em Penafiel, seu curso liceal. É a entrada de novos aprendizes nas nossas oficinas, rendidos nas tarefas domésticas por outros que delas se ocuparão durante um ano. É este estágio de serviço à Comunidade, este exercício de generosidade de que importa aprofundar a consciência, para que se realize todo o seu potencial de valorização tanto para quem passa servindo, como para os que ora são servidos. São as obras que nunca cessam e vão crescendo — lentamente para a di-

mensão estreita da nossa paciência, mas decididamente com o nosso impulso e o nosso amor — para uma meta de maior funcionalidade, de mais beleza e comodidade, onde cada um possa saborear, nos resultados do esforço que investiu, o acréscimo de condições para a sua realização pessoal. É a nossa quinta tão bonita, tão esperançosa, a certeza maior do nosso pão de cada dia. Quem a lavra, quem a estruma, quem a semeia, quem a zela — que fertilidade lhe não imprime se o faz em atitude de amor!

Que belo construir! Que bom sentir, em nossas mãos, o domínio da criação que Deus fez e nos entregou! Domínio-condição de posse merecida por nós; domínio que se exprime na nossa entrega, sem reserva

de suor e sacrifício — o adubo por excelência da fertilidade desejada.

Como compreendo a satisfação de Pai Américo em cada manhã: «Hoje há tanto que fazer! Que bem me sinto!» Tão ao contrário da mente mesquinha dos que suspiram ou gritam por menos trabalho e passam por ele, ausentes em espírito, olhando o tempo que ainda falta... para depois se encherem de tédio, quando não se aniquilarem, em horas de ócio sem fim.

Todo este claro-escuro do que pode ser ou não ser o balanço do ano que ora começa quando chegar ao termo, me ocupa o espírito. A Esperança é a tónica. Não havemos de desperdiçar tantos valores que a mão de Deus põe ao nosso alcance para nos enriquecer.

PARTILHANDO

Cont. da 2.ª pág.

Quantas vezes tratamos com mais carinho e resguardo uma planta qualquer ou um cãozinho patusco, que uma criança rota e faminta... Que cancro afectivo! O Amor e a Verdade são bem diferentes dos seus pseudo!

Ai das crianças do nosso tempo e país e mundo, se não houver uma transformação da nossa mentalidade e até da

nossa cultura, dita ocidental, que tão pouco humanisticamente temos sabido viver.

Se os opressores foram os culpados, digamos-lhe não, para sempre, sem nos tornarmos opressores uns dos outros.

E as crianças do amanhã dirão aos nossos cabelos brancos, um obrigado eterno... que nem netinhos de «Heidi». Histórias...

Padre Moura

-dia de domingo. Esses velhos livros ainda se conservam no armário dos livros dos avós, em minha casa. A minha mãe também tem todos os livros da vossa Editorial; por isso, quando recebi este, pensei: «não valia a pena mandarmos». Contudo, como ia para a praia e não tinha outra coisa para ler, abri-o por curiosidade, mas sempre julgando que, tendo-o já lido e apreciando tanto em criança, nada de novo iria ver. Enganei-me. Só tinha aprendido, em criança, a dimensão religiosa. A social e, indirectamente, a política, haviam-me escapado. Depois de me aperceber disto, veio-me subitamente ao pensamento que seria egoísmo ir ler os outros dois à «dependura» dos velhos livros da minha avó, ou dos mais modernos da minha mãe e resolvi comprá-los para a minha biblioteca.»

Porto:

«Cumprimento e agradeço o envio do exemplar PÃO DOS POBRES que aviva saudosas recordações dum passado que é sempre presente na sementeira de Luz que irradia. Não seja eu natural de Coimbra, para melhor compreender essa linguagem que foi o nascer da Obra gigantesca, do Fogo que queimou a alma do nosso Padre Américo!...»

Vamos ficar por aqui. Se não teríamos O GAIATO por conta dos nossos Leitores!

Júlio Mendes

Nos, a nós, os deste pequenino mundo que é a nossa grande Família; e por nós e a partir deste pequeno grupo, enriquecer a Nação a que pertencemos, tão de rastos nesta hora e sem outra alternativa para se reerguer, que não seja o trabalho, o trabalho, o trabalho, com o máximo de cabeça de que formos capazes e com todo o nosso coração.

Padre Carlos

PAI AMÉRICO NA LINHA DE S. FRANCISCO

Continuação da PRIMEIRA página

dade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida, quer na doença, quer na velhice. Duvidar é recuar». E noutro texto: «A Pobreza é coisa tão santa que ninguém lhe mexe». De Pai Américo se poderia dizer, como do Santo de Assis, que «a sua consciência vivíssima da absoluta sabedoria de Deus curou-o do pecado da apropriação, do qual procede a exploração e instrumentalização do homem» (C. P.); e mais: que «o seu abandono à Providência divina, sem qualquer laivo de alienação, originou uma onda de confiança a banhar o mundo todo, gerando uma atmosfera de comunhão e de alegria» (id). Daí que o desprendimento ou o despojar perante as coisas e as pessoas, porta obrigatória da necessária caminhada para o transcendente, o levassem a amá-las em alto grau, como «irmãs», à maneira do Pobrezinho de Assis, pois, todas as criaturas são, assim, palavras vivas de Deus.

«A pobreza, para S. Francisco, não é uma evasão fantasista ou diletante. Ele é profundamente realista. Daí a importância que atribui ao trabalho, sobre o qual nos deixou algumas intuições que são dum enorme alcance» (id.). Por exemplo, diz o Santo no seu testamento: «E os que não sabem trabalhar aprendam; não pela cobiça de receber o preço do trabalho, mas para dar bom exemplo e repelir a ociosidade» (id.). Pai Américo, por sua vez, nas disposições já aludidas, após referência à vida religiosa e ao amor pelos Pobres nas nossas Comunidades, regista: «A vida de trabalho deve seguir a par. Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã... Que nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brio; a iniciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula... O trabalho... é, ainda, a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os (Rapazes) afligem». Dir-se-ia uma expressão humanista do trabalho como elemento de libertação, excluindo as relações meramente económicas da vida laboral e apontando para um uso dos bens numa perspectiva de comunhão fraterna, sem lutas fratricidas ou violências.

Finalmente, na pegada de S. Francisco, porque na esteira do Mestre de Nazaré, queríamos realçar, mais uma vez, a profunda fidelidade de Pai Américo à Igreja, aos Bispos e, como diria o Santo, ao «senhor Papa». Também Ele foi «revolucionário na comunhão da Igreja», embora nem sempre compreendido, de dentro e de fora. Tal, porém, como o Autor do «Cântico do Sol», sem constrangimentos mas com determinação, apesar de lhe chamarem «poeta» e de só saber «pintar lérias e pedir», a sua vocação foi a de seguir a Cristo, renovando a Sua Igreja, no Amor e ao serviço dos Homens, e desprezando «as ninharias do mundo».

Estas simples notas apenas pretendem fazer sobressair o fascínio ou a atracção produzidos pelo Pobrezinho de Assis em Pai Américo e, desta maneira, prestarmos homenagem ainda que modesta ao Santo que ajudou a forjar os caminhos de que somos herdeiros. De resto, a imagem de S. Francisco, presente desde a primeira hora na capelinha de Paço de Sousa, por decisão d'Aquele que fundou a Obra, é a afirmação de que o Filho de Pietro Bernardone esteve e está sempre presente aos nossos passos. Praza a Deus que o não desprezemos.



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

O «Pão dos Pobres»

Continua na ordem do dia a quarta edição do 1.º volume do PÃO DOS POBRES.

São pedidos de todos os lados. E muita gente aproveita a ocasião, já o dissemos, para solicitar outras obras da nossa Editorial. São muitos!

Como as almas não se repetem, em glória da Criação, vamos dar a palavra aos nossos Leitores. Ninguém melhor do que eles para avaliarem cada uma das obras ou títulos da nossa Editorial.

Espinho:

«Só hoje venho agradecer os livros que me mandastes. Ando de dia para dia para vos agradecer, mas a falta de tempo e também de saúde não me têm permitido. Hoje estou só e não quero deixar de o fazer. Agora, o tempo é pouco para ler e, por isso, raramente me tenho deliciado com a sua leitura. É preciso tempo para saborear estes livros, mas dias virão em que o poderei fazer. Lá irei buscar a Força necessária para continuar esta jornada da vida. Esta jornada que cada dia se torna mais difícil, mas que também em cada dia

que passa se torna mais presente a presença de Deus em nós. Nem tudo às vezes corre bem, mas os desígnios de Deus são insondáveis e por isso a nossa submissão deveria ser total. Infelizmente nem sempre assim é...»

Lisboa:

«Recebi o PÃO DOS POBRES. Livro admirável que encerra verdadeiras lições de pedagogia que todos nós devíamos aprender e seguir. Mas infelizmente não é assim e, por isso, nos encontramos numa difícil encruzilhada da vida quando o caminhar é tão simples: amar o nosso Próximo.»

Mais Lisboa:

«(...) Já agora talvez tenha interesse explicar-lhes que já li todos esses livros quando criança de 10 ou 11 anos; penso que talvez ainda fosse na 1.ª edição; pertenciam à minha avó, que admirava muito o Pe. Américo. E assim o conheci pessoalmente, a primeira vez, com 8 ou 9 anos, quando ia almoçar a casa dos meus avós em S. Martinho, depois da homilia-peditório na Missa do meio-